

LOUISE GALVESTON

O REINO SECRETO DE
TODA

Tradução

Paulo Polzonoff Junior

#irado



PRÓLOGO

OS TODDLIANOS

— Pequenos, já lhes contei a lenda de como o Grande e Poderoso Todd resgatou sua vovó e eu e todo o nosso povo da escravidão do ser demoníaco chamado “Max”?

— Sim, sim, mas nos conte novamente! — implorou a pequena Andrômeda enquanto as outras crianças gritavam, empolgadas.

Perséfone, minha adorável esposa, bateu em meu braço com o chapéu de caubói que ela havia feito com folhas. Um tanto atordoado, eu a afastei.

— Que droga, Lewie, já lhe disse para não me chamar de “vovó”! Faz com que eu pareça velha demais.

— Tudo bem — suspirei. — Parece que minha memória não é mais o que já foi.

— Mas você se lembra da feira de ciências e do poço da perdição, certo, vovô Lewis? — implorou Andrômeda, sua voz denotando pânico. Seu longo cabelo lilás caía em mechas

macias nas fibras do cobertor rosa onde ela e os outros Netonhos saboreavam um lanchinho antes de dormir.

— Claro que me lembro, Andy. Eu...

— Conte sobre Max, vovô Lewis! Conte sobre quando ele criou um terremoto que quase matou todo mundo! — pediram em coro os outros Netonhos.

— Bem, acho que alguns de vocês já ouviram isso antes... — eu ri para o rostinho sardento deles e escalei o Pico das Roupas de Ginástica para que todos pudessem me ouvir. — Mas ouçam com atenção, e eu imagino que a vovó, quer dizer, a avó de vocês, vai preparar seu famoso sanduíche de pele morta e geleia de dedinhos do pé.

— Hummm! — celebraram os Netonhos.

— Ouçam, então, crianças — comecei. — Tudo teve início quando... — Parei no meio da frase e me virei para Perséfone, que se pôs a preparar os sanduíches. — Não se esqueça de tirar as bordas do meu, querida.

Perséfone engasgou, balançando a cabeça.

— Sou casada há tanto tempo com esse coroa e ele acha que vou me esquecer de tirar as bordas do sanduíche dele — ela resmungou para si mesma.

Eu sorri para ela, piscando, e me virei para as crianças.

— Antes que Todd provasse seu poder aniquilando seus inimigos, os ferozes e tolos Gigantes da Escolinha Newton, nosso povo vivia precariamente na Toddlândia, em cabanas primitivas sobre meias nojentas...

— Vocês, que são novos, não têm ideia de como está bom agora! — Uma voz familiar me interrompeu e eu me

virei para encontrar Herman, o Sábio, chegando da biblioteca. — Porque, quando tínhamos a idade de vocês e queríamos um sanduíche de pele morta, tínhamos de sair e tirar geleia de dedinhos do pé da sujeira com nossas próprias mãos. E, se quiséssemos...

— Quer dizer que você não tinha pilhas de roupas de ginástica sujas para comer? — perguntou Lyle, a voz ligeiramente trêmula. Lyle era o mais velho dos Netonhos e adorava exhibir seu conhecimento para as crianças mais novas. — Eu achava que nosso povo sempre tinha vivido no quarto de Todd.

— Isso mesmo, queridinho — disse Perséfone enquanto passava a geleia de dedinhos do pé num pedaço de pele morta. — Antigamente tínhamos de cuidar de nós mesmos. O Grande Todd não sabia que estávamos vivos.

Os Netonhos prenderam a respiração.

— Ela está dizendo a verdade. Naquela época, vivíamos na escuridão total sob a cama de Todd e ele desconhecia a existência da sua avó ou de Herman, o Sábio. — Acenei para nosso velho amigo. — Não conhecia ninguém do nosso povo.

— Na verdade — acrescentou Herman com um menear de cabeça —, mal sabíamos esfregar dois gravetos para fazer fogo quando Sua Grandeza nos tirou de debaixo da cama e nos trouxe à luz.

Perséfone bufou.

— Isso mesmo. E várias coisas horripilantes aconteceram antes que as Velhas Sobrancelhas Peludas nos avistassem. Talvez seja melhor começar a contar isso desde o início, vô.

— *Acho que você tem razão, meu amor. Crianças, vocês gostariam de ouvir a história de como sua avó e eu conhecemos o Grande e Poderoso Todd?*

Os Netinhos se animaram.

Bebi o restante do suco doce que havia no meu copo e pigarreei.

— *Nossa história começa no primeiro dia em que Todd entrou no reino da Escola Secundária de Wakefield, um lugar assustador, governado por criaturas enormes e cruéis chamadas “A Turma do Zoológico”...*





CAPÍTULO 1

Meu melhor amigo Duddy olhou para o céu sem nuvens de setembro e disse:

— Leonardo da Pinchy, sentimos tanto por você ter morrido e tal. Você era um incrível caranguejo-ermitão, e vamos sentir muito a sua falta.

Ele fez uma pausa e olhou para mim.

Mordi o lábio e murmurei:

— Siga em frente.

Duddy deu de ombros.

— Certo. — Ele abriu os braços e disse, numa voz alta e limpa: — De qualquer modo, Pinchy, obrigado por nos deixar pintar o Koi Boy do *Dragon Sensei* na sua concha com o esmalte da minha irmã. Foi muito legal da sua parte. E também foi muito legal da sua parte aquela vez que você picou minha mão com sua garra, apesar de termos de colocá-lo sob a torneira para que você o fizesse. Quero dizer, tenho certeza de que foi assustador para você tam-

bém. E a mão ficou roxa durante uma semana. — Ele parou e me olhou de novo.

Tenho certeza de que ele estava pensando que eu tivesse mais a acrescentar à homenagem a Pinchy. Afinal, ele era o *meu* bichinho de estimação. Mas era Duddy quem realmente se importava com Pinchy. Na verdade, foi Duddy quem percebeu que ele estava morto.

— Ei, como está o Pinchy? — ele perguntara dez minutos antes, tirando os olhos do meu laptop. Estávamos no meu quarto, assistindo ao último episódio do *Dragon Sensei* para relaxar de um primeiro dia de aula longo demais na Escola Secundária de Wakefield.

— Quem? — peguei o mouse, pausando o vídeo.

— Dã, Todd! Leonardo da Pinchy, seu único animal de estimação! Posso pegá-lo?

Ah, certo. Aquele Pinchy.

— Ah, claro — respondi. Meu estômago começou a revirar. Eu tinha uma boa ideia do que estava por vir.

Duddy pegou o caranguejário da prateleira sobre minha cama e o balançou.

— Hum. Ele não está se movendo.

Oh-oh. Olhei melancolicamente para a tela do meu computador.

— Não tiro Pinchy há uns dois dias, então talvez ele esteja tímido...

Duddy ergueu a tampa do aquário e se inclinou sobre ele.

— Ugh! — disse ele, afastando a cabeça. — Está fedendo! Você disse que faz dois dias, Todd, ou há duas semanas?

Meu rosto enrubesceu enquanto Duddy pegava Pinchy.

— Eu não estou muito certo se você deveria fazer isso...

Tarde demais. Assim que Duddy o tocou, Pinchy caiu da concha.

— Acho que ele está morto — disse Duddy, boquiaberto.

— Sim, percebi.

— Será que ele ficou doente? — Duddy me perguntou, de olhos arregalados, ao colocar cuidadosamente o corpo de Pinchy sobre a mesa. — Caranguejos-ermitões podem ter câncer?

— Hum... — Senti uma pontada de culpa ao tentar me lembrar da última vez em que lhe dei comida e água. Sábado, talvez? Mas no último sábado ou no anterior... Quem sabe?

— Espere aí... já volto. — Duddy saiu do meu quarto, os passos ecoando enquanto ele rumava para a cozinha. Alguns segundos mais tarde ele reapareceu, segurando um saco plástico e uma caixinha. — Para o funeral. — Ele encolheu os ombros.

Agora estamos no quintal olhando para o buraco que cavamos sob uma enorme árvore. Dentro do buraco estava a caixinha que enterramos... e dentro da caixinha estava Pinchy.

Senti o olhar sincero de Duddy pedindo que eu falasse.

— Ah, Pinchy, sinto muito mesmo. Decomponha-se em paz, amiguinho. Amém.

Duddy concordou, satisfeito. Se ele soubesse que era culpado de caranguejicídio, não teria continuado.

— Leonardo da Pinchy, que você siga...

Mas Duddy foi interrompido por uma gargalhada no quintal ao lado.

Uma gargalhada *familiar*.

— HAU HAU HAU HAU! HAU HAU HAU! Ffffffffbt.

A última parte da risada era nova. Ao longo do verão, nosso inimigo, Ernie Buchenwald, colocara o Maior Aparelho Ortodôntico do Mundo. Ele claramente tentava aprender a lidar com a saliva.

Duddy ficou pálido quando a cabeça alaranjada, enorme e rosada de Ernie apareceu na cerca. Ernie esticou um dedo grosso na nossa direção e riu um pouco mais.

— HAU HAU HAU! HAU HAU HAU HAU! Vocês estão fazendo um funeral para um *caranguejo*?

Duddy olhou rapidamente para mim, então respirou fundo, enrijecendo os ombros. Ele chutou um pouco de terra sobre a caixa de Pinchy e eu o ouvi sussurrar algo que terminava com “Amém” enquanto, escondido, fazia o sinal de cruz sob a jaqueta.

— Focê não fai dizer oi, idiota? — zombou Ernie.

— Oi — murmurei, olhando para meus próprios pés. O verão todo eu esperei que o início do sexto ano trouxesse consigo uma nova era, livre de tormentos. Mas claro que eu desejava demais.

— Só estamos tentando demonstrar nosso respeito — explicou Duddy.

Ele ficou de pé com os braços cruzados, como se fosse proteger sozinho o túmulo de Pinchy.

— Ah, é mesmo? — respondeu Ernie. — Famos fer isso. — Este já tinha passado uma enorme perna sobre a cerca e estava passando sobre ela. Para sorte de Pinchy, ele não estava interessado em caranguejos-ermitões. Ele caiu no chão e voltou os olhos atentos para mim. — Ei, Todd, onde eftá aquei efkate feu?

— Skate? — sussurrei.

— Fim, feu efkate. Acho que focê deferia empreftá-lo para mim.

Fiquei paralisado. A ideia de um “empréstimo” para Ernie significava cem anos.

— Ah, meu pai o levou para o trabalho.

Ernie fungou ao se aproximar de nós, abrindo e fechando os punhos. Ele era enorme e mau, mas não era burro.

— No hofpital?

Meu pai era enfermeiro da ala de emergência. Ele praticamente vivia no hospital naqueles dias, trabalhando em turnos extras para pagar nossas contas, desde que a mamãe fora demitida de seu emprego como professora.

— Ele, hum... Ele queria mostrá-lo para um menino que foi internado com varíola.

Ernie arqueou as sobrancelhas alaranjadas tão alto que elas quase tocaram os cachos de seus cabelos.

— Faríola?

Droga. As pessoas ainda pegam varíola, não?

Um enorme dedo rosa de repente me cutucou entre os olhos, quase arrancando meus óculos.

— Oufa fô, feu baratinha. Quero o efkate e quero agora, fenão fou mandar *Max Loving* perpeguir focê amanhã.

Congelei. Max Loving era a única pessoa na Escola Secundária de Wakefield mais assustadora do que Ernie. O nome dele era uma piada cruel. Ele era tão grande quanto Ernie, e três vezes mais malvado, e não tinha a mesma afeição torta que eu gostava de imaginar que Ernie nutria por mim e pelo Duddy depois de passarmos cinco anos na Escola Fundamental Roosevelt juntos. Max estudou na Newton, uma escola enorme do outro lado da cidade. Dizia-se que alguma coisa na cantina tornava todos os alunos enormes e maus. Ou talvez tenha sido apenas um sonho.

Meu braço tremia de verdade. Eu sabia o que tinha de fazer. Estava prestes a apontar para a nossa garagem, onde meu skate novo descansava numa prateleira especial que meu pai construíra no meio da noite, quando de repente...

— *Todd Galveston Butroche!*

A porta se abriu e minha mãe apareceu no alto da escada, os cabelos despenteados e o rosto manchado com algum tipo de substância roxa. No colo ela trazia o Terror dos Todds, minha irmã de um aninho, Daisy, que ria enlouquecidamente e agitava seus sempre estranhos dedinhos roxos.

— Olá, sra. Butroche! — disse Duddy.

— Efpero mefmo que o clima fique afim, focês não? — acrescentou Ernie, rindo insolentemente.

— Ah, oi, Duddy. Ernie — respondeu minha mãe, baixinho, só agora percebendo que tínhamos companhia. — Vocês podem ir para casa e deixar Todd sozinho? Preciso dele por alguns minutos. Por favor.

Dei uma última olhada para Duddy. O olhar de solidariedade que ele me lançou confirmou minhas suspeitas: fui salvo de um valentão e seria morto por outro.

— Então a gente se vê depois — sussurrou ele, saindo pelo portão até a entrada dos carros, Ernie bem ao lado dele.

Senti um frio na barriga. Esperava que Ernie não causasse muitos problemas para Duddy, mas pelo menos Duddy não tinha nada para ser roubado. Ainda assim, a ideia de Duddy sobreviver a Ernie sem mim era difícil de suportar. Talvez eu pudesse segui-los e...

Meus pensamentos pararam repentinamente quando notei o silêncio. Olhei para minha mãe.

— Entre — ela rosnou. Chamas pareceram sair de seus olhos escuros, exatamente como SharkTreuse do *Dragon Sensei*. — *Você precisa limpar o seu quarto.*

